

O GÊNERO DA CLANDESTINIDADE: SOBRE OS AFETOS E A SOCIABILIDADE FEMININA EM UM INTERNATO ESCOLAR

Hildon Oliveira Santiago Carade ¹

RESUMO

O artigo enseja algumas reflexões sobre a sociabilidade feminina no âmbito de um internato escolar. Tendo como lócus de pesquisa o Instituto Federal Baiano, *campus* Santa Inês, e como método de produção de dados a entrevista semi-estruturada, correlacionada com observações autoetnográficas e dados produzidos pela instituição, procuro entender, à luz da literatura sobre gênero/sexualidade em sua interface com a educação, a recorrência, nas entrevistas, de relatos de práticas, carícias e relações homoafetivas entre as meninas no espaço escolar. Tais vivências, pois, só podem ser compreendidas diante de um contexto formatado pela ética da discrição e da clandestinidade, ética que torna possível a desprogramação do desejo e o questionamento do padrão da heterossexualidade compulsória incensado por nossa sociedade.

Palavras-chave: Gênero; Sexualidade; Juventude; Escola; Internato escolar.

INTRODUÇÃO

Este trabalho² é uma tentativa de compreensão de um dado recorrente em minha pesquisa sobre a experiência juvenil no âmbito de um internato escolar, a saber: a ocorrência das primeiras experiências homoafetivas entre meninas que compartilham o alojamento feminino estudantil. A partir dos relatos das estudantes, parece que as garotas experimentam uma maior fluidez de suas identidades sexuais, permitindo-se brincadeiras, carícias e mesmo relacionamentos mais duradouros com o sexo semelhante. Os meninos, por sua vez, não me relataram tais vivências. Mesmo os rapazes gays assumidos não experienciam dentro deste espaço os seus primeiros contatos sexuais, ou seja, eles não chegam a materializar os seus desejos mais íntimos.

O objetivo desse texto é discutir de que maneira podemos entender as experimentações das adolescentes com suas colegas de quarto como uma espécie de subcultura juvenil feminina, que aqui aparece como que ordenada pela dimensão da

¹ Professor de Sociologia do Instituto Federal Baiano, *campus* Santa Inês; Doutor em Antropologia (UFBA). E-mail: hildon.carade@ifbaiano.edu.br.

² Este artigo é resultado da pesquisa “Longe da casa dos pais: sobre a experiência dos jovens em regime de internato escolar”, que conta com o apoio do CNPQ.

sexualidade. A literatura sobre o internato escolar não foge do quadro descrito por McRobbie e Garber (2006) na década de 1970, qual seja: a ausência da perspectiva feminina nos trabalhos produzidos. Naquela época, as autoras denunciaram o viés masculinizante dos estudos culturalistas da Escola de Birmingham, tão centrados que estavam nos aspectos violentos das subculturas juvenis, o que tendia a privilegiar os rapazes em detrimento das garotas. Geralmente, pesquisadores homens entrevistavam interlocutores igualmente homens, o que suscitava uma visão distorcida a respeito das mulheres, quase sempre reduzidas ao maior ou menor grau de atratividade sexual. Mais recentemente, Weller (2005) também denuncia a invisibilidade feminina no seio dos estudos sobre os movimentos culturais das periferias urbanas tais como o graffiti e o hip hop, apontando a mesma tendência dos poucos trabalhos existentes na área em restringir as escolhas e performances culturais das mulheres à esfera da sexualidade e da maternidade na adolescência.

No caso da relativamente pequena bibliografia sobre as instituições de internamento escolar, de fato não existe uma abordagem centrada na dimensão da experiência feminina. Quando aparece, ela se confunde com o rótulo da adolescência em geral. Apenas na tese de Conceição (2012) encontrei dados referentes às meninas, mas, uma vez mais, através dos olhos dos homens, notadamente das preocupações dos médicos higienistas para quem o internato escolar representava um antro da perdição e de toda sorte de imoralidades, no contexto de fins do século XIX. Na visão dos ilustres membros da ciência médica, a atmosfera do internamento era propícia à pederastia (homossexualidade masculina), no caso dos rapazes; e ao lesbianismo e à histeria, no caso das garotas. Estas, segundo eles, logo quando se aproximassem da puberdade, deveriam ser educadas em casa sob a vigilância dos pais, pois o internato era um lugar propenso à languidez e à distração, o que muitas vezes tinha o poder de dilacerar o véu do pudor e da sedutora inocência, o mais lindo ornamento de uma moça.

A pesquisa aqui tratada, que se encontra em andamento, versa sobre a construção do ser jovem no âmbito dos internatos escolares, tendo como campo empírico o Instituto Federal Baiano, *campus* Santa Inês, cidade situada na porção centro-sul do estado da Bahia. A instituição oferece os cursos técnicos integrados de Agropecuária, Zootecnia e Alimentos, tendo por clientela alunos, na faixa entre 14 e 18 anos de idade, provenientes das cerca de 20 cidades que compõem o Vale do Jiquiriçá, região de perfil agro-pastoril. Nossa investigação é de caráter qualitativo, baseado tanto

na entrevista semi-estruturada, quanto em observações de cunho autoetnográfico. Dos cerca de 170 adolescentes que compõem o quadro atual do internato, almejei entrevistar 24, 12 garotos e 12 garotas, o que representaria a cifra de 1 estudante para cada quarto dos alojamentos masculino e feminino (São 24 quartos no total). Até o presente momento, 16 já foram ouvidos, sendo que 10 são do sexo feminino. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto Federal da Bahia (IFBA), através do Parecer consubstanciado de número 4.328.150, de 08 de outubro de 2020.

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa descritiva de cunho exploratório e de natureza qualitativa, cuja produção de dados encontra-se em andamento. A entrevista tem sido o principal instrumento de coleta de dados, utilizando-se como técnica a história de vida. Do universo de cerca de 170 estudantes abrigados no internato, selecionei uma amostra de cerca 24 alunos (12 rapazes; e 12 garotas), o que representa a cifra de um estudante para cada quarto dos alojamentos masculino e feminino (são 24 quartos no total), para a realização de entrevistas semi-estruturadas, com o objetivo de capturar a compreensão que eles têm da sua experiência no internato e como ela se correlaciona com suas biografias.

De acordo com Oracy Nogueira (1977), a seleção para esta modalidade de entrevista se dá através de conversas informais nas quais o pesquisador sonda o informante e, indiretamente, passa a ganhar a sua confiança. No momento concreto de sua execução, ela deverá ser conduzida a partir de uma lista de questões e tópicos, porém mantendo uma certa abertura para os direcionamentos do entrevistado, pois os dados obtidos através de narrativas livres possuem mais valor do que informações obtidas por intermédio de interrogatórios.

Por conta da pandemia do novo coronavírus, meios virtuais têm sido manejados para a realização da investigação. Além da entrevista semi-estruturada, o complexo dos dados está sendo correlacionado com observações de caráter autoetnográfico, haja a vista eu ser professor da instituição objeto da minha pesquisa. Ademais, tive acesso também ao livro de ocorrências do *campus* relativo aos dois últimos anos letivos (2018-2019 e 2019-2020), se configurando, pois, como formidável fonte primária de pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

A problematização do gênero e da sexualidade na escola não é um tema novo para a educação. Em verdade, Foucault (1988) já nos dizia que, desde fins do século XVIII, havia nas instituições escolares europeias uma preocupação explícita para com a sexualidade das crianças. O espaço arquitetônico, a disposição das cadeiras e mesmo a forma com a qual os talheres eram postos nas mesas durante as refeições se configurariam enquanto teias de vigilância e disciplinamento dos corpos, teias estas elaboradas com o objetivo de evitar que os calores e os desejos sexuais aflorassem em um momento indevido na trajetória dos estudantes.

Dessa maneira, a literatura em ciências sociais vem destacando o papel da escola enquanto produtora e reprodutora de comportamentos e estereótipos sociais. No tocante às questões de gênero/sexualidade, ela pode mesmo desempenhar uma função prescritiva para a sociedade. Assim sendo, autores como Richard Miskolci (2012) e Guacira Lopes Louro (2001) argumentam que, na maioria das vezes, a inserção das temáticas do gênero e da sexualidade têm servido mais a uma domesticação e disciplinamento dos corpos do que propriamente a uma valorização e promoção da diversidade. A educação, portanto, aparece como que limitada a oferecer um suporte aos valores heteronormativos, ao silenciar e disciplinar as sexualidades dissidentes.

Porém, conforme Louro (1999), necessitamos compreender as categorias gênero e sexualidade como epistemologias de vida. Enquanto epistemologias e construções sociais, tais termos nos levam a discutir as relações de poder no seio da sociedade. Os autores que atuam nesse campo partem do pressuposto de que é intolerável para todos eles a homofobia, o preconceito, a misoginia, a violência sexista, dentre outras práticas discriminatórias. Nós, afirma Louro (1999), desconfiamos, inclusive, de atitudes condescendentes, que tendem a “aceitar” os sujeitos LGBTQIA+, conquanto eles permaneçam em seus devidos lugares de subalternidade.

No que se refere propriamente à categoria sexualidade, a partir dos apontamentos foucaultianos, a pesquisa em educação é levada a deixar de lado a hipótese repressiva freudiana, isto é, a da vivência sexual como que pautada por interdições. Pelo contrário, sugere Foucault (1988), a sexualidade é um objeto que faz os sujeitos falarem; é, pois, um constructo que estimula uma vontade de saber/poder. Logo, ela nos leva a uma nova

abordagem sobre o poder. Este passa a ser concebido não mais no modelo da relação rei-súditos – o que conferiria uma visão verticalizada do exercício do poder –, mas como que disseminado em todas as esferas sociais, na forma de micropoderes, muitas vezes invisíveis em nosso cotidiano.

A escola, que é palco tanto de propostas emancipatórias quanto conservadoras de sociedade, também reverbera estas relações de poder. No terreno da educação, majoritariamente, a condição de estudante se confunde com a experiência juvenil. “Todavia, os jovens não vão simplesmente à escola: apropriam-se dela, atribuem-lhe sentidos e são transformados por ela” (ABRANTES, 2003, p. 93). Ao passo em que a escola é “invadida” pela vida juvenil, com sua grifes, *looks*, estilizações dos uniformes escolares e seus modos de sociabilidade, ela passa a ser um espaço aberto a uma vida não-escolar, numa comunidade juvenil de reconhecimento interpessoal. Ora, em uma instituição educacional em regime de internato, porquanto os alunos residam dentro de seus muros, essa vida não-escolar se apresenta ainda mais potencializada. As relações entre os internos ganham mais relevância do que as regras escolares. “No caso dos jovens pobres, a sociabilidade ganha uma maior dimensão, à medida que a ausência de equipamentos públicos e de lazer nos bairros [nos seus lugares de moradia] desloca para a escola muitas das expectativas de produção de relações entre os pares (DAYRELL, 2007, p. 1121). Assim, nos dizeres de Goffman (1974), todo um conjunto de regras informais, ou “ajustamentos secundários (os primários são exatamente as normas institucionais), criadas pelos internados para melhor viver dentro desse regime de internamento. “Sempre que se impõem mundos, se criam submundos”, sintetiza ele (GOFFMAN, 1974, p. 246). Estes submundos seriam o que o autor chama de “a vida íntima” de uma instituição. E é no enfoque acerca dessa vida íntima que encontrei experiências tipicamente femininas no âmbito do internato escolar do Instituto Federal Baiano, *campus* Santa Inês.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados já colhidos sugerem uma certa diferenciação da experiência de internamento: enquanto que os meninos se dispersam e ocupam todo o espaço público da escola (cantina, quadra e demais áreas de lazer), as meninas preferencialmente optam por permanecer em seus quartos, retirando-se deles quase sempre nas horas das

refeições e das aulas. Neste sentido, é como se a instituição escolar reproduzisse dinâmicas da sociedade mais abrangente, na medida em que os rapazes aparecem como os líderes das galeras, promovendo a zoeira e mesmo atitudes de indisciplina, ao passo em que as garotas adotam uma postura mais passiva, tornando-se espectadoras das algazarras masculinas, conforme já havia observado Pereira (2017).

Diante deste cenário, longe da vigilância dos demais membros da organização, as adolescentes, encerradas na esfera privada, encontram suas próprias maneiras de se sociabilizar e de se divertir, o que McRobbie e Garber (2006) chamam de “cultura de quarto”. Através de jogos como o de “verdade e consequência” – na qual o participante é obrigado ou a responder uma pergunta geralmente de foro íntimo ou realizar uma tarefa determinada pelo inquiridor – as garotas passam a ensaiar e performar outras identidades sexuais, para além do binarismo hétero-homossexual. Para algumas internas, que mantêm uma relação conflituosa com suas famílias por conta de suas sexualidades, o internato escolar surge como que envolto por uma aura de liberdade, uma possibilidade para elas se descobrirem e dar vazão aos desejos mais íntimos. Enfim, tudo se passa como se em um ambiente de dominação masculina, as meninas encontrassem um caminho passível de contrariar o caráter compulsório da heterossexualidade em nossa sociedade.

De outra ponta, essa experiência também pode ser compreendida nos termos da clandestinidade e da discrição mantidas pela instituição quando do gerenciamento de situações que envolvem o afeto homossexual. O livro de ocorrências – caderno em que os vigilantes registram todos os fatos e episódios que se desenrolam dentro do *campus* – pode ser elucidativo da maneira com a qual o contato e o relacionamento homoafetivo entre as meninas são tratados pelo corpo dirigente do instituto. Vejamos, pois, os seguintes registros captados pelo corpo de vigilância:

Ocorrência 1: Às 01:13 tinha duas alunas brigando. As mesmas falavam que se fosse desse “jeito” que não daria certo o namoro. Ambas são de “Valença”. [02/04/2018, plantão das 18:00 às 06:00 horas da manhã].

Ocorrência 2: Em ronda às 16:20 encontrei Arlete³ nº matrícula xxxx e a Magda nº matrícula yyyy. Ambas nos fundos do abatedouro brigando uma com a outra sendo que Arlete estava se mutilando seus pulsos com uma lâmina de vidro. Ao questioná-las o que estava acontecendo a Arlete saiu correndo entre os matos, e a outra chorando muito. Entrei em contato com a portaria pedindo apoio e o senhor Zenaldo e o motorista Caio vieram busca-

³ Todos os nomes aqui relatados são fictícios.

las e a Arlete fui buscar sentada no mato próximo ao laboratório de Parasitologia. Onde foram encaminhadas a enfermaria. [24/05/2018, plantão das 06:00 às 18:00 horas da noite].

Ocorrência 3: Por volta das 12:45 em uma ronda no vestiário, flagrei a aluna nº matrícula xxxx fazendo sexo oral com o aluno nº matrícula yyyy quando me viram tentaram desfarçar a aluna se debruçou no colo do aluno para impedir que eu visse o aluno despido. [07/08/2018, plantão das 06:00 às 18:00 horas da noite].

Ocorrência 4: A aluna Pamela nº matrícula xxxx saiu do alojamento com um lençol e seguiu até a lateral da lavanderia às 15:50. E em seguida veio seu namorado o aluno Bernardo nº matrícula yyyy. O vigilante foi ver o que estava acontecendo e lá chegando estava os dois deitados ela com a perna por cima dele em um namoro avançado. E quando o vigilante questionou o aluno falou que estava apenas namorando e perguntou se eles não podiam namorar. Então o vigilante falou que sim mas não daquela forma e o aluno mandou fazer a ocorrência que na segunda acertava com o tio Marcílio. [12/08/2018, plantão das 06:00 às 18:00 horas da noite].

Algumas coisas precisam ser ditas sobre o padrão de registro das ocorrências utilizado pelos vigilantes e como ele se esmera por manter no anonimato as meninas que vivenciam no espaço escolar relacionamentos e afetos com o sexo semelhante. Geralmente, o corpo de vigilância opta, de modo a garantir a não exposição do aluno, por registrar no caderno de anotações apenas o número de matrícula do mesmo, quando do envolvimento com o uso de substâncias psicoativas e de práticas de atos libidinosos (ambos, em caso de flagrante). Nas demais situações – brigas; problemas disciplinares como o barulho e o não respeito às regras do internato; e mesmo um namoro considerado desrespeitoso – há a identificação tanto do estudante quanto do número de sua matrícula. Entretanto, observem que a ocorrência número 1 descreve uma briga de casal, em que as envolvidas, duas meninas, sequer são identificadas com seus respectivos registros de matrícula. Por conseguinte, pode-se inferir que a discussão relatada na ocorrência 2 envolve motivos passionais, todavia em momento algum do relato as alunas são descritas como um casal, embora fosse de conhecimento de todos na escola. Dessa maneira, as causas para o conflito, que suscitaram ações de automutilamento e sofrimento psíquico em uma das alunas, permaneceram, ao menos oficialmente, em sigilo. Já as outras duas ocorrências podem, por contraste, elucidar como são tratados os relacionamentos heterossexuais: na terceira, por descrever uma prática sexual, o sexo oral, foram omitidos os nomes, optando por referenciar os envolvidos a partir de seus registros de matrícula; por sua vez, na quarta encontra-se tanto o nome quanto o registro de matrícula do casal flagrado em um, conforme termo

nativo, “namoro avançado”. Enfim, o mesmo zelo em manter na penumbra as intrigas e os protagonistas enredados na trama da relação homoafetiva não é exercitado quando os amantes possuem uma orientação heterossexual.

A partir desses dados encontrados no livro de ocorrências, pode-se inferir que a felicidade clandestina com a qual as meninas edificam a sua subjetividade no espaço escolar é possibilitado por um mundo orientado pela discrição do poder disciplinar. Dessa maneira, tudo se passa como se no internato as alunas pudessem viver a ambiguidade de algo que não poderia surgir em plena luz do dia (DUARTE e ASSIS CÉSAR, 2016). Enfim, ainda que os depoimentos das estudantes nos informem o quanto elas podem desfrutar de prazeres e potências apenas alcançáveis a um corpo totalmente desvinculado da lógica do binarismo de gênero orientado pela heterossexualidade compulsória, não há como pensar a existência de tais prazeres e potências como que alheios a todo e qualquer sistema normativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos colhidos junto às estudantes me levaram à atmosfera descrita pela autora canadense Susan Swan em seu romance *The wives of Bath* (SWAN, 1998). Nessa obra, a escritora nos apresenta o processo formativo da estudante Mary Beatrice Bradford, ou simplesmente Mouse, uma garota que, aos 14 anos de idade, fora obrigada pela madrasta Sal e pelo pai Morley a se tornar interna no Bath Ladies College, um internato para meninas localizado nas redondezas da cidade de Toronto. Com a sua escrita, eivada de detalhes autobiográficos, Swan subverte o espaço do colégio interno para garotas. Se o objetivo manifesto da instituição era formar fidalgas cristãs, reforçando a estrutura de dominação masculina, tal lugar nos é apresentado como a antítese desse propósito: um local onde as mulheres questionam suas existências e performam papéis distantes do que era acalentado pela sociedade anglo-saxã da década de 1960.

Em *The wives of Bath*, cujo título referencia a forma plural do conto de Geoffrey Chaucer *The wife of Bath tale* (SANT’ANA E PEREIRA, 2013), temos um colégio interno dirigido por uma professora lésbica, Miss Vaughan, que encontrou no espaço escolar uma maneira de escamotear a sua relação com a professora de inglês; e personagens dúbios como Paulie, companheira de quarto de Mouse, que se traveste de

menino e assume, sob essa condição, um namoro com Tory. Mouse nunca sabe ao certo se Tory tem consciência do fato de sua colega de quarto e seu namorado serem a mesma pessoa.

Dessa maneira, tanto no romance da escritora canadense quanto nas entrevistas com as adolescentes por mim realizadas, nos deparamos com ambientes em que há a possibilidade de rompimento da unicidade do ser, trazendo à tona as propostas da transitoriedade e, simultaneamente, da coexistência do masculino com o feminino, ao menos por um período de tempo e em um determinado espaço (SANT'ANA E PEREIRA, 2013).

Enfim, diante de um lugar que estimula uma ética da clandestinidade, é como se as garotas encontrassem uma maneira de exercitar uma espécie de “antipedagogia” (RETANA, 2019), isto é, uma desprogramação sigilosa do desejo, cujo efeito prático é o combate à normalização das subjetividades. Teríamos, assim, a produção de prazeres heteróclitos, polimórficos e rizomáticos sob o teto de instituições que, *a priori*, estariam desvinculadas do fomento de tais produções.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Pedro. Identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade, **Sociologias: problemas e práticas**, Lisboa, n. 41, p. 93-115, 2003.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. **Internar para educar: Colégios-Internatos no Brasil**. 2012. 323f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil, **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

DUARTE, André; ASSIS CÉSAR, Maria Rita de. Inútil resistir ao dispositivo da sexualidade? Foucault e Butler sobre corpos e prazeres, **Rev. Filos., Aurora**, Curitiba, v. 28, n. 45, p. 949-967, set./dez. 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação, **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 2, p. 541-553, 2001.

_____. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

McROBBIE, Angela; GARBER, Jenny. Girls and subcultures. In: HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony (Eds.). **Resistance through rituals: youth subcultures in post-war Britain**. London: Routledge, 2006 [1976].

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

NOGUEIRA, Oracy. **Pesquisa Social**. São Paulo, Editora Nacional, 1977.

PEREIRA, Alexandre. **“A maior zoeira” na escola: experiências juvenis na periferia de São Paulo**. São Paulo: Unifesp, 2017.

RETANA, Camilo. Antipedagogias queer: subjetividades clandestinas y políticas de desprogramación del deseo. In: PEREIRA, Marcos Villela; SILVEIRA, Éder da Silva; MORETTI, Cheron Zanini (Orgs.). **Educação clandestina: educação e clandestinidade**. v. 1. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019. [recurso eletrônico].

SANT’ANA E PEREIRA, Thaís Daniela. **Entre o porão e o sótão: espaços de formação em *The wives of Bath*, de Susan Swan**. 2013. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013.

SWAN, Susan. **The wives of Bath**. Great Britain: Granta Books, 1998.



WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível, **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 107-126, jan./abr. 2005.